

## **Iluminismo nos trópicos: A nação “futura” presente no Sítio do Picapau Amarelo<sup>1</sup>** *Elisângela da Silva Santos<sup>2</sup>*

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo analisar sociologicamente qual seria o “projeto” de nação na obra destinada ao público infantil de Monteiro Lobato. Analisando o autor como integrante da galeria dos nossos pensadores sociais, pois nossa hipótese é que em seu gênero literário infantil, ressoa uma visão de país, um diagnóstico e um projeto de futuro para o Brasil no momento em que se dedica a escrever livros para as crianças. Desta forma, colocaremos na ordem do dia a necessidade de problematizar como sua literatura pode ser um elemento de compreensão da realidade social na qual foi composta (anos 20 e 30 do século passado). Percebemos em Lobato um crítico da sociedade em que vivia, pois é um escritor que além de estar preocupado com as questões estéticas e lingüísticas do seu tempo, sempre esteve atento também em formular críticas à nossa “parasitria intelectual”. Portanto, buscaremos analisar o contexto do nosso pensamento social brasileiro dos anos 20 e 30 e como ele se “reflete” no texto criado por Lobato.

Na literatura destinada ao público infantil, vemos uma preocupação do autor com a formação das crianças, ou seja, um de seus objetivos era incutir no pensamento dos pequenos leitores uma postura crítica sobre nosso processo de industrialização, de escolarização, de desenvolvimento técnico etc. Construindo “modelos infantis”, representados por Narizinho, Pedrinho e Emília, Lobato esperava de seus leitores uma reflexão que os conduzisse à uma ação. Apostando alto no lirismo e na fantasia, ele entendia que a forma de “despertar” uma criança era fornecer subsídios à sua imaginação.

É no livro *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1921) – que em futuras edições, como a de 1931, é lançado sob o título de *Reinações de Narizinho* e também o primeiro livro que compõem série *O Sítio do Picapau Amarelo* – que Monteiro Lobato nos apresenta as personagens que vão compor sua literatura voltada para a formação das crianças. Dona Benta é a proprietária do Sítio, com ela na casa moram Narizinho (sua neta), Emília (a boneca falante) e Tia Nastácia (criada da família). Pedrinho, também neto de Dona Benta, só passa no sítio o período de férias escolares. Também fazem “parte do lugar” Tio Barnabé, (agregado da família que reside nos fundos da propriedade), Visconde (sabugo de milho representante da ciência), o Coronel Teodorico (grande fazendeiro e vizinho de Dona Benta) e, por fim, as personagens mágicas: os animais falantes como o porco Rabicó, o Burro Conselheiro e o rinoceronte

---

<sup>1</sup> Projeto de Iniciação Científica financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo sob a orientação da Professora Doutora Célia Aparecida Ferreira Tolentino, do Departamento de Sociologia e Antropologia da Unesp Campus de Marília.

<sup>2</sup> Licenciada em Ciências Sociais e bacharelada do curso de Sociologia na Faculdade de Filosofia e Ciências - Unesp - Campus de Marília.

Quindim e os visitantes eventuais como os habitantes do Reino das águas claras, Gato Félix e o Pequeno Polegar.

Neste país imaginário que é o Sítio, Lobato se propõe a debater os problemas do país real e apresentar soluções para um futuro próximo. Soluções que passariam pela formação das crianças, pela construção de um novo tipo de cidadão capaz de intervir na organização social e econômica motivado fundamentalmente pela ciência. Muitas vezes, as soluções se apresentam na dimensão do mágico e da fantasia, mas, olhando criticamente, podemos perceber que a utopia de país proposto por Lobato através do Sítio é daquele tipo que Benjamim chama de realizável na história. Nesta utopia se percebe uma proposta de modernidade ou de modernização, mas, para nossa análise, esta idéia não se organiza sem contradições e conflitos que, segundo entendemos, estão presentes no país real e, por consequência, na visão de mundo do escritor. Lobato tenta ultrapassar o seu tempo, mas muitos aspectos do seu tempo permanecem neste futuro pensado através do Sítio. Então podemos dizer que o Sítio do Picapau Amarelo é uma metáfora do Brasil, através da qual o escritor propõe uma utopia de futuro, mas um futuro que seria construído sobre determinadas bases de relações sociais e sociabilidade que o escritor naquele tempo não questionava, porém, visto sob uma perspectiva crítica, nos mostra aspectos importantes do conservadorismo que marcaram sua época e a cultura brasileira do século XX.

Para nossa discussão, privilegiou-se o aspecto das relações sociais e de sociabilidade presentes no Sítio de Dona Benta observando como Lobato as colocava no texto e no subtexto. Optamos por analisar as relações sociais no sítio observando a relação entre Dona Benta e seus criados, Tia Nastácia e Tio Barnabé. Estes representam o trabalho “livre” ao mesmo tempo em que são descendentes de escravos, que continuaram no sítio mesmo após a Abolição da escravatura. Esta situação se desdobra em uma questão interessante, pois no Brasil situado historicamente encontramos uma grande semelhança com o Brasil imaginado por Lobato: a relação traçada por Dona Benta e seus trabalhadores se pauta pelo favor. Apesar de Dona Benta representar um tipo de proprietária rural com um ideário bastante avançado no que concerne à economia e a racionalidade da produção, ela manteria relações sociais bastante arcaicas com os dois trabalhadores negros do Sítio, uma “relação simpática” de servidão, pois mediada por uma espécie de gratidão – provavelmente por ter permitido a permanência de ambos na propriedade após o fim da escravatura. Neste sentido, a utopia lobatiana acabava

reproduzindo aspectos arcaicos das relações sociais brasileiras. Sobre a atuação de Tia Nastácia no sítio, criada da família branca, podemos perceber por meio da análise dessa condição de trabalho no Rio de Janeiro no final do século XIX feita por Sandra Lauderdale Graham (1992) que afirma:

Ser uma criada significava, sobretudo viver proximamente a um amo ou senhor; assim, compreender suas vidas requer consideração dos pressupostos culturais que viabilizam a vida doméstica cotidiana. As criadas atendiam às exigências de trabalho e obediência e, em troca, recebiam a proteção. De sua parte, os senhores as proviam nas necessidades diárias, cuidando delas quando estavam doentes e proporcionando uma infinidade de favores arbitrários que tornava concreto seu papel de patrões (GRAHAM, 1992, p. 15).

O favor, como observa Schwarz (2000), se constituía num vínculo simpático entre as diferentes partes. Uma simpatia que encobria uma forma de relação de dependência pouco condizente com os pressupostos do Iluminismo, da racionalidade e da modernidade que o autor queria para o Sítio. No entanto, tanto no Sítio como no país real, ambas as coisas coexistiriam. Na perspectiva de Lobato, este não parecia um elemento a ser superado embora o autor já mostrasse no contexto da narrativa outras formas de relações de trabalho, como a desempenhada pelos operários que trabalham nos poços de petróleo abertos no sítio pelas crianças e pelo sabugo de milho Visconde.

Quanto à participação dos negros no país idealizado por Lobato, observamos que estes aparecem relegados ou à cozinha da “casa-grande”, como é o caso de Tia Nastácia, ou aos fundos da propriedade de Dona Benta, como é o caso de Tio Barnabé. Estes ocupam o papel de protagonistas apenas quando os habitantes decidem conhecer o exotismo pertencente ao povo brasileiro, o que pôde ser observado por meio da análise de *Histórias de Tia Nastácia* (1937). Neste livro, as crianças buscam conhecer através das manifestações culturais de Tia Nastácia, a mentalidade do nosso povo. No seio da narrativa, porém, esta mentalidade é muito criticada, pois ela não representaria uma cultura racional e científica e sim um resquício da mentalidade tradicional e supersticiosa, típica da tradição da cultura oral. Dona Benta, comentando os relatos de Tia Nastácia, afirma que o povo é conservador, sugerindo que um pensamento moderno e inovador viria da elite, a mesma que, representada por ela e por seus netos, seria moderna apenas na esfera das idéias, pois ensina ciência e prioriza a cultura erudita, enquanto conserva com seus criados uma relação de favor. Neste sentido podemos dizer que se desenvolve uma modernidade relativa no país metafórico de Lobato, tanto quanto no Brasil real.

Podemos notar que a ideologia que permeia a obra infantil lobatiana propõe uma modernização que não altere alguns aspectos da tradição de mando, apesar de sugerir propostas de transformações econômicas, sociais e políticas. A estrutura narrativa do Sítio do Picapau Amarelo é, portanto, ambígua assim como a sociedade brasileira na qual se insere esta obra. Esta ambigüidade pôde ser notada quando retiramos dos livros analisados, especificamente *Serões de Dona Benta* (1937) uma relação intrincada entre a racionalidade e a tradição, pois percebemos que o papel desempenhado por Dona Benta sugere uma relação patriarcal e, ao mesmo tempo, capitalista. Em muitas ocasiões a simpática senhora propaga o conhecimento iluminista – visto como universal – aos habitantes do Sítio, já em outras, ela conserva a ordem tradicional, de família dominante que cria laços de dependência com seus criados sob a forma de poder pessoal.

No que se refere à modernização, a ciência e a técnica ocupam um lugar privilegiado na utopia lobatiana. No momento em que Monteiro Lobato começa a escrever seus livros a questão educacional passava por diversas reformulações teóricas e tal contexto influenciava o autor na constituição de suas histórias. A sua maior crítica à escola brasileira do período, de acordo com Lajolo (1985) apontava para o fato de esta ter um caráter livresco e abstrato. Por isso, em suas histórias, as crianças sempre vão aprender com a avó Dona Benta por meio de experiências e práticas. No contexto da narrativa, estas experiências muitas vezes servirão para tirar o Sítio/Brasil da situação de atraso econômico e industrial. Em oposição à velha forma de saber, ou o bacharelismo pouco prático da elite brasileira, no Sítio encontramos o Visconde como representante de uma nova de ciência e saber aplicado; é ele que auxilia as crianças em projetos e planos, como abertura de poços de petróleo no sítio de Dona Benta. Através do Visconde, Lobato criticava a atitude dos bacharéis brasileiros, pois, para ele, os intelectuais deveriam deixar a apatia para agir sobre as diversas áreas sociais, como a saúde, a educação e o ensino técnico pragmático. É esse tipo de intelectual que o autor priorizou em seu Sítio/Brasil. Ao mesmo tempo, e pensando no caráter formativo do leitor, Lobato incentivava a pensar na ciência como prática, como instrumento de gestão e administração social. Neste sentido, o seu modelo de país era os Estados Unidos.

Também nesta perspectiva modernizante, temos Dona Benta como uma proprietária de “novo tipo” e representante da aplicação destes novos valores científicos em favor do progresso econômico e material. Como proprietária, é ela quem organiza as regras, toma as decisões além de ensinar às crianças certos elementos de racionalidade e

racionalização. Para isso, os pequenos são autorizados a aplicarem e fazerem as experiências que possam ajudar no desenvolvimento econômico da sua propriedade. Ao contrário dos fazendeiros refratários ao progresso, como dizia Lobato, e cultivadores da monocultura cafeeira, Dona Benta também pensa em industrializar seu sítio fazendo uso de muitas técnicas mecânicas. Contrapondo a este pragmatismo e esta perspectiva modernizante, temos o coronel Teodorico, vizinho de Dona Benta e grande fazendeiro, que representaria a mentalidade “anticientífica” e “petrificada”, portanto, tradicional, que no sítio se desejava superar.

Dona Benta é descrita pelo autor como um modelo de autoridade, seja no âmbito familiar ou social. Ela sabe ditar as regras de forma considerada “justa” e “inteligente” pelo narrador. A postura desta personagem, como demonstramos, pode ser contrastada com a postura do Coronel Teodorico, que significa o arcaísmo e a mentalidade petrificada das elites agrárias. Ele não investe em ciência, por isso no final do livro *Serões de Dona Benta* (1937), se encontra falido. No final, acaba se rendendo às maravilhas que a técnica e a ciência podem proporcionar ao homem. Foi este o aspecto que observamos na nossa análise quando discutimos a preocupação das crianças em descobrir petróleo no sítio. Elas se empenham para solucionar o problema da falta de exploração dos nossos recursos naturais, característica nacional muito criticada pelo autor. No sítio, como podemos observar no livro *O Poço do Visconde* (1936), as crianças conseguem descobrir petróleo e mudar o “país” inteiro, inclusive atribuir-lhes ares “civilizatórios” e racionais:

O país entrou a prosperar dum modo maravilhoso [...]. O número de automóveis cresceu vertiginosamente. O de caminhões de carga ainda mais. As fazendas adotaram tratores de puxar arados e aposentaram os bois e as mulas [...]. O supergás, ou gás líquido invadiu as casas da roça . Ninguém mais cozinhou com lenha só com gás como nas cidades grandes (LOBATO, 1960, p. 220).

Podemos perceber também que alguns papéis são definidos a partir do gênero. Pedrinho e Visconde representam a sabedoria, o conhecimento, a ação e a ciência aplicada, o que poderia ser descrito como facetas do papel masculino. Emília e Narizinho representam o lado feminino, a boneca é o espontaneísmo, a vontade própria, faladeira, já Narizinho é o ideal de mulher ética, que deve obedecer determinadas normas. Os brinquedos de Pedrinho e Narizinho são, portanto, seus complementos.

Durante este período da pesquisa na graduação, procuramos identificar as diferentes metáforas que sugerem a visão de Lobato sobre um país ideal, porém este

ideal possui muito do Brasil real, pois nele vemos um processo de mudança e ao mesmo tempo de permanência de determinados valores e estruturas do país situado historicamente. Portanto, nosso objetivo a partir deste momento da pesquisa é o acréscimo de aspectos que vão auxiliar na percepção de qual “projeto” de nação Monteiro Lobato almejava: um país moderno e ao mesmo tempo arcaico? Uma nação semelhante à nação norte-americana? Ou ainda, um país fundamentado na mão-de-obra negra? Deste modo, sabemos da existência deste projeto devido às metáforas identificadas até o momento, restando uma sustentação da hipótese do sítio ser uma nação ideal.

Justificamos a necessidade de ampliar os estudos sobre a literatura voltada para o público infantil de Monteiro Lobato, uma vez que as análises sociológicas deste gênero são escassas, há uma carência de observações minuciosas sobre as personagens, o cenário e sobre a forma dos discursos. Além disso, o autor é analisado apenas como um importante escritor, mas vale lembrar que Lobato inaugura nossa literatura infantil, e nela se observa as tensões existentes entre obra e o contexto particular da história brasileira, como: o advento do modernismo – com o amadurecimento dos debates sobre uma cultura nacional; discussões sobre nossa modernidade/modernização, a Revolução de 30, que pregava mudanças sociais, políticas e econômicas, e em decorrência deste processo o engajamento político e social de muitos intelectuais brasileiros.

Neste contexto Lobato se destaca também como um intelectual que participou ativamente das aspirações de uma nação desenvolvida sob os moldes racionais de organização. O cidadão Lobato lutou muito pela modernização brasileira, pela difusão de livros, por novas formas de ensino e de produção econômica e por isso acabou preso durante o governo Vargas. Mas, o narrador de suas obras é menos comprometido que o cidadão e pode oferecer espaço para contradições, ambigüidades, fusões e confusões. Na nossa análise pretendemos nos ater ao narrador, aquele que sintetiza o pensamento social de uma época e que vai além do cidadão, atingindo uma geração e um segmento social.

Conforme Regina Aída Crespo (1997), o Brasil republicano, representado pelas elites econômicas e políticas do país, pregavam a consolidação de uma política administrativa eficaz para a nação, tendo como maior objetivo, colocar o Brasil ao lado dos “países civilizados”. Após a Primeira Guerra Mundial (1914), é desenvolvido um ufanismo nacionalista que ao se concretizar, oferecia instrumento ao país para adentrar

aos “novos tempos” e ao “novo mundo”. O nosso “atraso” em relação aos outros países causava um certo desconforto e temos entre as elites e entre as classes médias. Neste sentido, a autora ressalta:

“Para muitos, urgia modernizar o país, tarefa para a qual era primordial, por um lado, o conhecimento das ‘coisas e dos (problemas) nacionais’ e, por outro, o recurso a uma mão-de-obra especializada, ainda inexistente no país” (CRESPO, 1997, p. 11).

Para Francisco Corsi (2000), o “clima ideológico” dos anos 30 estava pautado num nacionalismo que abrangia vários segmentos sociais das classes urbanas, o que ganha formas de um nacionalismo econômico cujos principais lemas eram: a industrialização e a independência nacional econômica. Desta forma, o autor afirma:

“O desenvolvimento não era um fim em si mesmo; era justificado por argumentos que iam desde a necessidade de consolidar a unidade nacional e superar o estado de miséria de grande parte da população brasileira, até o desejo de criar as condições pra transformar o Brasil em uma potencia” (CORSI, 2000, p. 17).

Esta definição de desenvolvimento estava sendo formulada desde o final do século XIX e início do XX, com a corrente de pensamento que tinha o maior destaque entre a intelectualidade: o positivismo, que possuía uma concepção linear do “progresso” e ao mesmo tempo afirmava uma conduta regida pela “ordem” e a ciência seria a única forma de planejamento social. Portanto, poderíamos dizer que era uma afirmação de progresso dentro da ordem.

O novo contexto resultante da revolução tecno-científica européia, e das duas grandes guerras, ocasionou a necessidade de um reajuste institucional, portanto, diversos conceitos passaram por uma reformulação, o que muitas vezes formavam pares em oposição: tradicional e moderno; nacional e cosmopolita; rural e urbano; progresso e atraso. Estes pares opostos, de acordo com a autora, oferecia um caráter ambíguo ou ambivalente aos “homens de ciência” nascidos no século XIX e perdidos no XX.

A obra destinada ao público infantil de Lobato reflete esta ambigüidade presente na sociedade brasileira. Estes pares de oposição, ou a ambivalência, não permitiu o esclarecimento de qual a idéia de país este autor deixava ora implícito, ora explícito no Sítio do Picapau Amarelo. Por isso julgamos necessária uma análise desta idéia, priorizando o projeto nacional, que através das metáforas de Brasil encontradas durante a pesquisa de Iniciação Científica, sabemos que existe.

Considerando a literatura como um recurso de crítica social, partimos do estudo do livro *Serões de Dona Benta* (1937) e o comparamos com *O Poço do Visconde* (1937), *Reinações de Narizinho* (1932) e *Histórias de Tia Nastácia* (1937), numa forma de diálogo entre as obras. Estas últimas, foram usadas como recursos para aprofundar alguns elementos e nos oferecer subsídios para a análise de determinados temas. Estes elementos, depois de situados em seus devidos contextos, nos forneceram a possibilidade de um retorno à obra com a percepção da sociedade do período em que ela se insere, já que a sociedade representa um papel na construção da obra de arte. Como observou Antonio Candido, em *Literatura e sociedade* (1967), para a compreensão de um fenômeno literário se deve considerar a conjunção do conteúdo e forma na obra de arte para, desse modo, compreender a representação social no texto literário e seu condicionamento narrativo feito de fatores internos e externos.

Deparamos, por conseguinte, com a tarefa de analisar dois discursos, aquele contextual, de âmbito político, econômico, social e cultural, e especificamente o da sociologia da literatura, assim tentamos resgatar naquilo que é inerente ao texto, o discurso ideológico que influenciou Monteiro Lobato na configuração de seus livros, sem desfigurar o caráter próprio de sua obra.

#### **Referências bibliográficas:**

- AZEVEDO, CAMARGOS & SACCHETTA, Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia, Ed. Senac, São Paulo, 1997.
- CAMPOS, André Luiz Vieira de. *A república do picapau amarelo, uma leitura de Monteiro Lobato*, Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1986.
- CANDIDO, Antonio, *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*, São Paulo, Companhia Editorial nacional, 1967.
- CRESPO, Regina Aída, *Messianismos culturais: Monteiro Lobato, José Vasconcelos e seus projetos para a Nação*, 1997, Tese (doutorado em História Social) – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- CRESPO, Regina A., *Itinerários Intelectuales: Vasconcelos, Lobato y sus proyectos para la nacion*, Centro Coordinador y Difusor de Estudios Latinoamericanos, México, 2004.
- DARTON, Robert, *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*, Graal, Rio de Janeiro, 1988.
- D'ANDREA, Moema Selma, *A tradição re(des)coberta: Gilberto Freyre e a literatura regionalista*, Ed. Unicamp, Campinas, 1992.
- DANTAS, Paulo [orgn]. *Vozes no tempo de Lobato: depoimento*. Edição comemorativa do centenário de nascimento de Monteiro Lobato. São Paulo, Traço Editora, 1982.
- GALVÃO, Walnice, Nogueira, *As formas do falso*, Perspectivas, São Paulo, 1986.
- GILROY, Paul, *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*, Editora 34, Rio de Janeiro, 2001.
- GRAHAM, Sandra Lauderdale, *Proteção e Obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro 1890-1910*, Companhia das Letras, São Paulo, 1992.
- FREYRE, Gilberto, *Casa-grande & Senzala*, Graal, Rio de Janeiro, 2001.
- KOWARICK, Lúcio, *Trabalho e vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil*, Brasiliense, São Paulo, 1987.
- LAJOLO, Marisa, *Monteiro Lobato: Um brasileiro sob medida*, Moderna, São Paulo, 2002.
- LAJOLO, Marisa, *Monteiro Lobato [A Modernidade do Contra]*, Ed. Brasiliense, São Paulo 1985.

Texto integrante dos Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 24 a 28 de julho de 2006. Cd-rom.

- LAIJOLA, Marisa, *Negros e Negras em Monteiro Lobato*, site [www.as.miami.edu/las/negrolobato2.htm](http://www.as.miami.edu/las/negrolobato2.htm) , 1998.
- LOBATO, Monteiro, *Histórias de Tia Nastácia*, Brasiliense, São Paulo, 1968.
- \_\_\_\_\_, *Mr. Slang e o Brasil*, Brasiliense, São Paulo, 1959.
- \_\_\_\_\_, *O poço do Visconde*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1960.
- \_\_\_\_\_, *Reinações de Narizinho*, Brasiliense, São Paulo, 1969.
- \_\_\_\_\_, *Serões de Dona Benta*, Brasiliense, São Paulo, 1960.
- SCHWARZ, Roberto, *Duas meninas*, Companhia das Letras, São Paulo, 1997.
- \_\_\_\_\_, *As idéias fora do lugar*, in: *Ao vencedor as batatas: Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*, Ed. Duas cidades, São Paulo 2000.
- SOUZA, Jessé, *Modernização Seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro*, Editora UNB, Brasília, 2000.
- ZILBERMAN, Regina, *A literatura infantil na escola*, FTD, São Paulo 1988.